como também certas colocações tradicionalmente aceitas, tem entretanto sido revistas por obras outras de história do Brasil, que pelo visto o autor não tomou conhecimento, quando não ainda, suas proposições se esvaziam justamente pela evolução rápida de nossa economia nos últimos anos, o que leva a análise do autor a chocar-se com a realidade histórica da presente conjuntura.

Isso não significa a impertinência de muitas de suas críticas ao “modelo” adotado para incrementar o desenvolvimento, mas limita o alcance do debate, pois é claro que algumas vezes compromete a projeção que o autor faz para o comportamento de nossa economia nos próximos anos.

Se partimos para a discussão de um novo modelo, ideal para o nosso desenvolvimento — uma vez que se exauriu o sistema de substituição das importações — é preciso reconhecer nesse sentido que a complexidade de nossa realidade histórica está a nos mostrar que estamos longe de atingir sua compreensão em termos de uma explicitação do processo de crescimento que mais nos convém. Ainda mais, é preciso que fique claro também, que não se pretende arrogar à história ou à historiografia do Brasil a explicação definitiva ou a chave para arquitetarmos a ideologia de nossa riqueza.

Se os modelos abstratos, alienados de nossa realidade, podem realmente não corresponder, isto é, ao presidir a orientação de nossa política econômica podem ser surpreendidos com entraves que os estrangulem, vemos entretanto que a aplicação ao nível empírico do conhecimento histórico, de soluções que levem em conta os componentes básicos de nossa evolução não são suficientes — seria estultícia supor o contrário — ao ponto de se relegar os esquemas de análise teórica atualmente em debate, quer em defesa quer criticando o sistema.

A contribuição do livro de Caio Prado Junior é justamente a de tentar estabelecer alguns parâmetros, dentro do conhecimento histórico, que devem condicionar o estudo e as soluções propostas para o nosso desenvolvimento.

JOSE ROBERTO DO AMARAL LAPA

* *

*

MARTINS (José de Souza). — *Conde Matarazzo, o Empresário e a Empresa: Estudo de Sociologia do Desenvolvimento*. 2ª edição, São Paulo, Hucitec, 1973.

A publicação do livro de José de Souza Martins, em 2ª edição, era uma obrigação do meio editorial brasileiro para com o jovem e operante professor de Sociologia da Universidade de São Paulo. A primeira edição com o título *Empresário e Empresa na Biografia do Conde Matarazzo* esgotou-se rapida-

mente. A consulta ao trabalho se tornou difícil e o recurso do empréstimo ou de cópias xerográficas nem sempre oportuno ou eficiente. Impunha-se a 2ª edição e de parabéns a Hucitec pelo empreendimento.

É um livro que marca um momento de nossa sociologia. É Florestan Fernandes quem nos diz: “Escrito quando se começava a investigar a fundo as estruturas e os dinamismos da relação imperialismo ⇄ dependência, este livro marca época, entre nós, como um avanço pioneiro no estudo sociológico de uma transição concreta. Neste sentido, ele se situa, de fato, no campo da sociologia do desenvolvimento. Doutro lado, como ele mostra como a transformação capitalista se desenrola sob o capitalismo dependente, através de condicionamentos e determinações internos e externos ele representa uma importante contribuição à teoria da incorporação”.

Se parte de duas hipóteses preliminares quais sejam de que “a gênese e o desenvolvimento da indústria brasileira estão diretamente relacionados com mecanismos econômicos não necessariamente ligados a inevitáveis substituições de importações” e desta deriva a segunda: “se o mercado de produtos industriais “pertencia” aos importadores e se os momentos da crise são insuficientes para explicar a industrialização, esta ocorreu estimulada pelos importadores ou, em caso negativo, pela quebra das relações entre o importador e o consumidor” (p. 5) consegue, através de seus capítulos sobre a origem e transformações do grupo Matarazzo, os horizontes do empresário e as condições da industrialização, uma demonstração de suas proposições iniciais e termina por coroar seu trabalho com conclusões seguras e precisas.

É um livro onde se sente a preocupação do autor na busca do documento ou da informação precisa para, através deste embasamento seguro, demonstrar as suas hipóteses de trabalho. Não trata de “arranjar” “exemplos” que se “amoldem” aos seus pressupostos teóricos.

A nova edição de *Conde Matarazzo — Empresa e Empresário* contém al- como marco de uma época e como “exelente livro que ilustra muito bem os marcos e os resultados de semelhante compreensão da sociologia” é também importante contribuição, uma das mais importantes sem dúvida, para os estudos da nossa História, principalmente aos estudos de nossa História mais recente.

A nova edição de *Conde Matarazzo — Empresa e Empresário* contém alterações, como nos chama a atenção o autor, no primeiro capítulo, “principalmente para explicitar a atuação de Matarazzo no período do “Ensilhamento” em São Paulo e sua atividade como banqueiro...”, e correção dos “erros de revisão anterior, especialmente em alguns nºs dos quadros VIII, IX e X, e a correção formal onde era cabível”. Somente está acrescido de “um pequeno apêndice de atualização da bibliografia sobre a “história da industrialização brasileira” (p. 13).

É de interesse para todos quanto busquem uma análise profunda d' "o processo de transição que tem como traço básico da ideologia empresarial o proteccionismo alfandegário, a solidariedade do poder em relação às exigências de lucro da indústria, ainda que nesse caso as implicações fossem relativas ao caráter comercial do lucro" (p. 118).

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER